



Uma década em Urucu

Petrobras desenvolve novos projetos na Amazônia após dez anos da descoberta de petróleo na região

Parece que foi ontem, mas já faz dez anos que a Petrobras encontrou petróleo em quantidades comerciais na Amazônia. O campo de Rio Urucu, descoberto a 12 de outubro de 1986, foi o primeiro resultado de sete décadas de pesquisas e o marco de uma atuação que se vem ampliando desde então. Localizada a 600 quilômetros de Manaus, a região produz óleo leve, isento de enxofre e apropriado à produção de nafta, gasolina e diesel, além de gás natural, cujo aumento da produção vai permitir a expansão da oferta de gás de cozinha e ainda o uso na geração de energia elétrica, substituindo, com maior eficiência, o óleo combustível. O aumento da produção de óleo e gás, a construção de uma nova Unidade de Processamento de Gás Natural e de um

poliduto e a perspectiva de utilização do gás natural para geração de energia elétrica são os principais projetos hoje em andamento na Amazônia, quando se comemora o décimo aniversário da descoberta da província petrolífera de Urucu.

Melhora o escoamento

Desafogar o trânsito não é uma preocupação só dos moradores e governantes das grandes cidades. Em Urucu, em plena floresta amazônica, os sinuosos e estreitos cursos dos rios e as dificuldades de navegação na estação das secas são empecilhos naturais ao escoamento do óleo. Com o crescimento da produção, a partir de 1997, os rios Urucu e Tefé não suportarão o aumento de tráfego. Para descongestionar os rios, assegurar a navegabilidade durante o

ano inteiro e, ao mesmo tempo, acelerar a chegada da produção às refinarias, a Petrobras vai construir um duto de 280 quilômetros de extensão, interligando a área produtora diretamente a um terminal a ser construído no município de Coari, na margem direita do rio Solimões.

Acompanhando pelo mapa, fica mais fácil entender os benefícios que a obra vai trazer para o escoamento da produção na região. De Porto Terminal, às margens do rio Tefé, à Refinaria de Manaus, as balsas percorrem quase mil quilômetros, em viagens de cerca de oito dias de duração - incluídos os dois dias necessários para a baldeação do óleo, na cidade de Tefé, para balsas de maior porte, que podem navegar pelo rio Solimões. Com a conclusão do duto, no final do ano que vem, o percurso de Coari a Manaus poderá ser realizado em 16 horas. No novo terminal, serão instalados tanques para armazenar o petróleo e o gás de cozinha e atracadouros para carregar navios e balsas.



Antes do ano 2000, a produção de gás vai aumentar oito vezes em Urucu

Cresce a produção

O projeto de desenvolvimento dos campos de Rio Urucu e Leste de Urucu prevê o aumento da produção dos atuais 20 mil barris/dia para 45 mil barris/dia, e a de líquido de gás natural (LGN) de 220 para 1.500 metros cúbicos, até 1999.



Já a produção de gás natural saltará de 720 mil metros cúbicos/dia para 6 milhões de metros cúbicos/dia. A produção de gás será processada para retirar o gás de cozinha (GLP), e o restante será devolvido ao campo, para manutenção da pressão dos reservatórios e uso futuro.

Até 1998, a Petrobras vai investir R\$ 450 milhões nas instalações para produção e processamento. Além dos 58 poços produtores (32 no campo de Rio Urucu e 26 no campo Leste de Urucu), serão perfurados mais 20 poços e ampliados o sistema de coleta e a capacidade de processamento primário do petróleo. Uma nova Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN) será construída, para separar o GLP dos seis milhões de metros cúbicos de gás natural produzidos diariamente. O aumento da

produção de gás também justificou a necessidade de expansão do sistema de compressão, para sua movimentação e reinjeção nos poços. Esse sistema já está preparado para exportar dois milhões de metros cúbicos/dia de gás reservados para comercialização a partir de 1999.

Gás ilumina a Amazônia

O projeto de desenvolvimento do campo de Urucu é o ponto de partida para o projeto que fará do gás natural a principal fonte energética da região amazônica. Com reservas de 82,8 bilhões de metros cúbicos de gás natural (mais da metade das reservas provadas do Brasil), é evidente a vocação para o uso do produto em usinas termelétricas, que atendem o mercado regional, em substituição ao óleo combustível. Os primeiros passos nessa



direção já foram dados. O projeto para a utilização do gás de Urucu foi incluído nas prioridades do Plano de Metas Brasil em Ação, do governo federal, e deverá ser desenvolvido em parceria com o setor privado. Em agosto, Petrobras, Eletrobrás, Eletronorte e o governo do Amazonas assinaram, em Manaus, protocolo de intenções para o fornecimento de gás natural pela Petrobras, para a geração de energia elétrica nos estados do Amazonas, Pará, Amapá e Rondônia.

De acordo com o projeto, serão fornecidos inicialmente 3,7 milhões de metros cúbicos/dia, atingindo-se 11,4 milhões de metros cúbicos/dia no ano 2010. O projeto inclui o transporte, por gasoduto, até Coari, no rio Solimões, onde serão construídas as instalações para liquefação, armazenamento e carregamento de embarcações criogênicas, que transportarão o produto liquefeito para Manaus e outras localidades, onde serão instaladas usinas termelétricas.



Fauna e flora convivem em harmonia com as atividades da Petrobras



Uma aventura na América

Trilhas abertas à mão e logística sofisticada, rios que secam e investimentos em pesquisas científicas - tudo o que cerca a exploração e produção de petróleo na Amazônia tem lados antagônicos e complementares, um submetido à natureza poderosa, o outro facilitado pelos recursos à disposição de uma moderna companhia de petróleo. Mas nem sempre foi assim. No começo, há quase 80 anos, as perfurações margeavam somente os grandes rios, e os conhecimentos geológicos eram precários. Até 1934, quando surgiu o Departamento Nacional da Produção Mineral, foram realizadas 17 perfurações com essas características. Em 1938, foi criado o Conselho Nacional do Petróleo, que furou mais sete poços, ampliando as informações sobre as bacias sedimentares da região.

Com o advento da Petrobras, começou uma nova fase na busca de petróleo na Amazônia. Em dez anos, a Companhia perfurou 192 poços e realizou algumas descobertas, embora não-comerciais: Nova Olinda, Autás-Mirim e Maués datam desse período. Entre 1964 e 1972, as dificuldades do trabalho na selva e o insucesso comercial levaram a Petrobras a suspender as atividades na região. Mas a possibilidade de usar helicópteros, que permitiriam interiorizar as operações na floresta, trouxe a Companhia de volta poucos anos depois. Em 1978, ocorreu a primeira descoberta importante: a província de gás de Juruá, no município de Carauari, a cerca de 750 quilômetros de Manaus.



Ainda na década de 70, foi iniciada a exploração no mar, na foz do Amazonas. Em 1976, foi descoberto o campo de gás de Pirapema, no litoral do Amapá, considerado subcomercial. É dessa época o início dos trabalhos das companhias estrangeiras que assinaram contratos de risco com a Petrobras. British Petroleum, Esso, Pecten e Texaco, entre outras, atuaram na Amazônia até 1990, sem conseguir realizar descobertas de valor comercial.

Foram os anos 80 que responderam, afinal, às investidas dos modernos Colombo na aventura de explorar um oceano verde, virgem e tropical. No aniversário do descobrimento da América, a Petrobras descobriu o campo de Rio Urucu. Nada a ver? Talvez. Além de revelar ao mundo alguma coisa que sempre esteve lá, há em comum nessas duas histórias a marca da ousadia, persistência e coragem que transformam os sonhos em coisa real.